



GT 043. Memórias Indígenas e experiências de construções

biográficas

João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, May Waddington Telles Ribeiro (Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade/UFSB) - Coordenador/a, Pablo Antunha Barbosa (UFSB) - Debatedor/a, Pablo Quintero (UFRGS) - Debatedor/a, Rita de Cássia Melo Santos (UFPB) - Debatedor/a

O GT busca reunir pesquisas que apresentem dados e interpretações novas sobre a continuada e persistente presença e protagonismo da população autóctone no Brasil no período colonial, no século XIX, na República e na atualidade. Partindo de reflexões teóricas dos campos da antropologia, sociologia, história e estudos literários, intentamos reunir biografias, trajetórias, histórias de vida, autobiografias, etnobiografias, dentre outras modalidades de narrativas biográficas, buscando dar conta das profundas intervenções que estas populações tiveram na constituição da história nacional bem como das modalidades de esquecimento e outrificação de que foram objeto. As mudanças sociais não serão tratadas apenas como fatos políticos e econômicos, mas como fenômenos sociais totais, envolvendo dimensões emocionais e afetivas, explorando aspectos contraditórios e ambíguos nas relações sociais, considerando também os contextos intersociais e buscando compreender o protagonismo e a agência permanentemente exercida pelos indígenas. O presente GT está relacionado ao desenvolvimento do projeto em rede "Os Brasis e suas Memórias: Os indígenas na formação do Brasil", coordenado por João Pacheco de Oliveira, que articula 22 universidades e que pretende através da elaboração de biografias sobre indígenas construir outras possibilidades de narrativas sobre a História do Brasil e a contemporaneidade dos povos indígenas.

Depoimentos de estudantes universitárias indígenas

Autoria: Priscila Faulhaber Barbosa

Nesta comunicação propõe-se examinar alguns pontos advindos da leitura dos testemunhos escritos por dez estudantes universitárias indígenas. Entende-se aqui o testemunho como uma forma de recriar a biografia e o mundo vivido através do texto, neste caso mediado pela escrita. Consideramos aqui a singularidade da memória individual em sua força de expressar os desejos de cada uma das colaboradoras da proposta. Esta dimensão individual não exclui a relevância do exame dos condicionantes históricos das práticas sociais. Estas estudantes indígenas sistematizam suas experiências e descrevem suas práticas e a situação que lhes marca a escrita e as vozes. A mulher indígena pode estar sujeita a muitas formas de dominação implícita ou manifesta, desde a violência doméstica às formas de subjugação do work, que envolvem diferentes interpretações sobre a significação gênero feminino. As questões de gênero podem variar segundo o modo de pertinência étnica e a forma de organização social de cada povo. As funções de professora, de enfermeira ou de secretária são bastante recorrentes, embora possam exercer outras ocupações qualificadas bem como papéis de dirigentes em termos administrativos ou políticos. Apesar das barreiras, no mundo dos brancos abrem-se novas formas de relacionamento entre pessoas de gênero diferente, surgindo relações de coleguismo, companheirismo, colaboração profissional ou outras formas de compartilhamento das tarefas, abrangendo variáveis de âmbito moral, familiar, trabalhista, estudantil, associativo, organizativo ou afetivo. Entre as dificuldades apontadas pelas estudantes indígenas são elencadas as pressões ao tentar conciliar a vida familiar e os estudos, estratégias de subsistência, problemas de socialização, dificuldade de assimilação dos conteúdos sistematizados, concentração para realizar tarefas acadêmicas, embora motivadas para



compreender a cultura na qual foram formadas. As normas de avaliação da produção intelectual nem sempre são amigáveis. Frequentemente são alheias ao universo e aos códigos de conduta nas comunidades indígenas. Quando se trata de voltar ao meio de procedência para realizar pesquisa com seus parentes índios de seu próprio grupo étnico, cria-se um duplo dilema ético-moral: privilegiar os parâmetros acadêmicos ou os compromissos afetivos, políticos e existenciais? É preciso evitar confrontos para conseguir finalizar a pesquisa? Cabe posicionar-se junto aos injustiçados mesmo sabendo que o conhecimento é avaliado na economia das trocas simbólicas e linguísticas? Estas e outras questões são consideradas levando em consideração as memórias com base nos depoimentos biográficos escritos pelas citadas estudantes universitárias indígenas.



Realização:



Apoio:



Organização:

